

PASTORAL DA Terra

VOZES DO POVO

Desafios e estratégias
da CPT na COP 30:
resistência profética e
justiça socioambiental **P4**

PL DA DEVASTAÇÃO

"Aqui, nenhuma lei vai destruir
nosso território": povos
da terra, águas e florestas
levantam suas vozes **P5**

MAIO A AGOSTO DE 2025 | N° 268 | ANO 50 | WWW.CPTNACIONAL.ORG.BR | f @ y t @CPTNACIONAL



Rodrigo Correia

RESISTÊNCIAS

Vozes dos territórios ecoam como tambores durante o V Congresso Nacional da CPT

Povos e comunidades da terra, das águas e das florestas dão o tom ao evento, reafirmando presença, resistência e profecia, com as denúncias das violências do capital no campo e os anúncios do Bem Viver nas comunidades. **P. 8 e 9**

DA REDAÇÃO

EDITORIAL

Vozes proféticas anunciam o Bem Viver

Esta edição do Jornal Pastoral da Terra traz um pouco do muito que foi o V Congresso Nacional da CPT, que celebrou, em São Luís – MA, de 21 a 25 de julho, os seus 50 anos. O evento teve 1.026 participantes, dois terços, representantes dos povos e comunidades junto dos quais atua a CPT.

Privilegiadas foram suas vozes, experiências e esperanças, trocadas em clima de celebração e reflexão, com muito canto e dança, ao toque dos tambores, símbolo do congresso. Vêm sobretudo de lá as matérias a seguir.

A análise de conjuntura compôs o cenário apocalíptico que vivemos, mas lembrou que o apocalipse de João anuncia o fim dos poderosos, causadores de tantas e terminais crises, e a saída que virá dos pequenos, desde suas territorialidades e modos de Bem Viver em conexão com a Mãe Terra.

A matéria principal ecoa as vozes dos territórios, que reafirmam presença, resistência e profecia, denunciando as violências do capital e anunciando caminhos possíveis para a humanidade.

Matéria específica traz

as diversidades valorizadas de gênero, juventudes, etnias, em crescentes resistências. Outra, mostra as experiências de “romper cercas” e “tecer teias” vivenciadas por comunidades maranhenses. Na página bíblica, reverberamos a profecia da Carta do V Congresso da CPT.

Oportuno o artigo sobre a COP-30, que será em outubro, em Belém-PA, a evidenciar as contradições do enfrentamento da crise climática à base de mais do mesmo sistema que a causa. Indispensável, também, a visibilidade às resistên-

cias dos povos ao projeto de morte do PL da Devastação. Ainda, as vozes das mulheres do Cerrado sobre “gênero e biodiversidade” se fazem ouvidas e anunciam o Bem Viver. As seções “Fique Informado/a” e “Nuestra América” trazem avanços da luta camponesa e denunciam casos de violações de direitos.

A espiritualidade ancestral e a fé que move o povo em romaria também são temas de importantes reflexões desta edição. A galeria de fotos completa a visão do congresso.

Boa leitura! Viva a CPT!

PUBLICAÇÕES



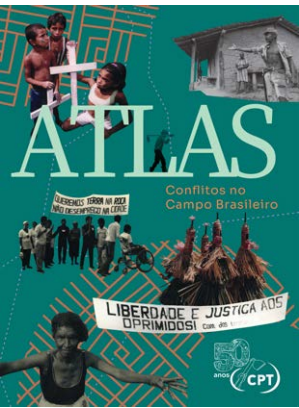
Divulgação

Nota Técnica Política Fundiária

Esta Nota Técnica foi construída de forma coletiva, a partir de debates entre movimentos sociais e organizações que lutam pelo direito ao território, em ar-

ticulação com a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado e a Via Campesina. O documento faz um balanço e analisa as políticas territoriais e ambientais desenvolvidas na primeira metade do atual governo Lula, em relação à concentração fundiária, violência no campo, desmatamento e alteração dos ciclos das águas. Com esta reflexão, a nota técnica pretende fortalecer as lutas pelo reconhecimento e garantia dos territórios como um direito essencial para os povos e comunidades tradicionais.

Acesse e baixe gratuitamente a Nota: <https://bit.ly/nota-politica-fundiaria>



Divulgação

Atlas dos Conflitos no Campo Brasileiro

A publicação faz um mapeamento amplo da dinâmica dos conflitos no campo brasileiro no período entre 1985 e 2023, a partir dos dados coletados pelo Cedoc/CPT e publicados anualmente há 40 anos. O Atlas também avalia

as violências e resistências no campo na Amazônia, Cerrado, Região Nordeste, bem como envolvendo povos indígenas e comunidades quilombolas.

O Atlas é uma construção conjunta do Grupo GeoAgrária da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Laboratório de Estudos sobre Movimentos Sociais e Territorialidades (Lemto) da Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com a CPT, com a concepção e elaboração do saudoso prof. Carlos Walter Porto-Gonçalves.

A publicação impressa está disponível nas equipes regionais da CPT, e a versão online estará disponível em breve no site da cptnacional.org.br.



PASTORAL DA Terra

É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra – ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

Secretaria Nacional
Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel,
1º andar, Centro, Goiânia, Goiás
CEP: 74030-090
Fone: (62) 4008-6466
Fax: (62) 4008-6405
www.cptnacional.org.br
comunicacao@cptnacional.org.br

Presidente
Dom José Ionilton

Vice-Presidente
Dom Sílvio Guterres

Coordenadores Nacionais
Carlos Lima
Cecília Gomes
Maria Petronila Neto
Ronilson Costa

Redação
Carlos Henrique Silva (5197/PE)
Heloisa Sousa (4499/GO)
Júlia Barbosa (4505/GO)
Everton Antunes (estagiário)
Rede de Comunicadores/as da CPT

Jornalista responsável
Júlia Barbosa (4505/GO)

Impressão
Gráfica e Editora América Ltda.

Diagramação
Refile Editorial - Vinicius Pontes
www.refileeditorial.com

Assinaturas
Anual R\$ 30,00 Solidária R\$ 50,00
Dados para depósito ou transferência:
Caixa Econômica Federal
Agência 2234
Conta 578974105-0
CNPJ 02.375.913/0001-18
Iban BR49 0036 0305 0223 4578 9741
050C 1
SWIFT CEFXBRSP
Pix: 02.375.913/0001-18
Contato:
sustentabilidade@cptnacional.org.br

Razão Social
Comissão Pastoral da Terra

CNPJ / PIX
02.375.913/0001-18

Informações
cpt@cptnacional.org.br

Tiragem
2.500 exemplares

Apoio



FIQUE INFORMADO / A

CNDH publica recomendação para cumprimento de direitos camponeses pelo Estado



Pedro Garcês/Com. Via Campesina Brasil

Reunião entre o CNDH e Coletivo da Via Campesina, ocorrido em 30 de maio

O Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) publicou, no início do mês de junho, a Recomendação nº 05, que sugere a “a adoção das providências necessárias para observância, publicização e cumprimento da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses”. Essa publicação é resultado de um trabalho colaborativo com a Via Campesina, por meio do Coletivo de Direitos Humanos, integrado também pela Comissão Pastoral da Terra, que juntamente com entidades e organizações parceiras, se empenhou em editar a recomendação ao Estado brasileiro e demais instituições, visando à incorporação do documento.

A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e Outras Pessoas que Trabalham em Áreas

as Rurais foi aprovada pela ONU em dezembro de 2018. Ela é um instrumento estratégico para o fortalecimento das lutas e dos modos de vida dos povos e comunidades do campo, das águas e das florestas, com cerne no direito à terra, à água e à biodiversidade.

Seguindo a Recomendação do CNDH, o Estado brasileiro tem novamente a chance de atestar seu compromisso não só com os direitos de camponeses e camponesas, mas com a preservação da sociobiodiversidade e a mitigação da crise climática, uma vez que os povos e comunidades do campo, das águas e das florestas, com seus modos de vida em confluência com a natureza, são a resistência da vida nos territórios, onde o latifúndio se empenha na promoção a morte.

Fonte: Comunicação CPT Nacional

Nota da Campanha contra os Agrotóxicos sobre o lançamento do Pronara

Não há dúvidas de que o dia 30 de junho se inscreveu como data histórica na luta contra os agrotóxicos. O decreto do Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos – Pronara, que esteve na pauta de reivindicações desde 2014, foi finalmente assinado pelo presidente Lula, fruto de muita luta durante todo este período.

Diante da hegemonia do agronegócio no Congresso, o Pronara sempre foi visto como um caminho para que o Poder Executivo pudesse ter um plano e ações concretas para reduzir o uso de agrotóxicos no Brasil.

Mesmo sendo um programa dentro do Governo, as fortíssimas bases do agronegócio e da bancada ruralista instaladas no executivo sempre agiram para frear o Pronara.



Divulgação

No mesmo dia do decreto, houve a concessão de 115 novos agrotóxicos

O documento assinado em 30 de junho pelo presidente Lula assinala as diretrizes e objetivos do programa, e o papel de cada ministério – SGPR, MDA, MAPA, MS, MMA e MDS – dentro do Pronara. Contudo, o mais importante ainda está por vir.

O fato de que o Diário Oficial do mesmo dia 30 de junho tenha trazido a concessão de 115 novos registros de agrotóxicos mostra que ainda

há um longo caminho a ser percorrido para concretizarmos os objetivos do Pronara. E os 26 bilhões de renúncias fiscais dadas somente pelo governo federal entre janeiro de 2024 e fevereiro de 2025 para a indústria de agrotóxicos nos lembram de que o “Programa de Incentivo aos Agrotóxicos” segue mais forte do que nunca.

Fonte: Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida

Movimentos sociais denunciam “anistia à grilagem” e violência no campo

Organizações de Rondônia criticaram decreto que regulamenta a Lei 14.757/2023, alegando que ele anistia grileiros e ameaça quase 16 mil famílias rurais. A medida é vista como estímulo à violência fundiária e à legalização de ocupações ilegais.

A Lei 14.757/2023, de autoria do senador Confúcio Moura (MDB-RO), altera marcos legais da política fundiária, extinguindo

cláusulas resolutivas que exigiam uso produtivo e proibição de venda em terras do INCRA. Segundo a CPT, a nova regulamentação favorece grandes grileiros e legaliza fraudes fundiárias históricas em Rondônia.

O governo afirma que a lei beneficiará 40 mil famílias, mas movimentos sociais contestam. Para a CPT, a ausência de transparência do INCRA e o histórico

de contratos descumpridos agravam o cenário.

Os movimentos sociais exigem que o presidente Lula não assine o decreto, alertando que ele pode legitimar injustiças históricas e ampliar os conflitos no campo. “Este decreto não pode ser validado ao preço de tantas vidas e de tantos direitos sacrificados”, destaca a carta aberta.

Fonte: CPT-RO

COP 30

VOZES DO POVO

Desafios e Estratégias da CPT na COP 30: Resistência Profética e Justiça Socioambiental diante das Contradições da Transição Energética

Em tempos de colapso ambiental e avanço da extrema-direita e do autoritarismo, é urgente que a Pastoral faça ecoar as vozes dos territórios com clareza e profecia

Italo Kant Marinho Alves
Coordenação CPT Minas Gerais
Edição: Heloisa Sousa

A 30ª Conferência das Partes sobre Mudança do Clima (COP 30), marcada para ocorrer em Belém do Pará, representa não apenas um evento diplomático de grande importância, mas também uma encruzilhada histórica para os povos do campo, das águas e das florestas do Brasil e do mundo. Diante desse cenário, a CPT, com sua trajetória de cinco décadas de luta ao lado das comunidades camponesas, indígenas e tradicionais, vê-se diante do desafio de reafirmar sua missão profética e crítica, atuando como presença viva de resistência frente ao avanço do capital verde.

As COP's anteriores evidenciaram a captura corporativa dos espaços de negociação climática e diluição dos compromissos climáticos, promovendo falsas soluções como a captura de carbono e os créditos de compensação. A escolha de Belém como sede da COP 30 carrega um simbolismo potente, por estar situada no coração da Amazônia, região estratégica na luta contra a crise climática. No entanto, o governo brasi-

leiro, apesar de seu discurso ambientalista, insiste em políticas contraditórias, como o avanço da exploração de petróleo na margem equatorial, desconsiderando pareceres técnicos do Ibama e ameaçando ecossistemas únicos e modos de vida tradicionais.

Apresentada como solução para o colapso ambiental, a transição energética vem sendo implementada de forma excludente e extrativista. A produção de tecnologias “limpas”, como painéis solares, turbinas eólicas e baterias, depende de minérios estratégicos cuja extração, majoritaria-

mente no Sul Global, implica violações de direitos humanos, expropriações de terras e degradação ambiental. Ao invés de democratizar o acesso à energia, o modelo atual reforça o controle corporativo e centralizado, perpetuando desigualdades históricas, expulsando e fragmentando territórios tradicionais.

Diante deste quadro, a CPT propõe uma leitura política e espiritual da crise ambiental, ancorada no conceito de conversão ecológica desenvolvido pelo Papa Francisco nas encíclicas *Laudato Si'* e *Laudate Deum*. Trata-se de

reconhecer que a destruição ambiental é fruto de uma crise moral e civilizatória, na qual o lucro e o consumo desenfreado se sobrepõem à vida. A conversão ecológica, portanto, exige uma transformação nas práticas, nos valores e na forma como a humanidade se relaciona com a Terra, reconhecendo-a como casa comum e dom divino. Para a CPT, essa espiritualidade se encarna nas lutas concretas das comunidades que resistem ao avanço do capital e cuidam dos territórios com sabedoria ancestral.

Além disso, a CPT precisa denunciar com firmeza as fal-

sas soluções promovidas por corporações e governos que apenas aprofundam a espoliação territorial. A mobilização popular e a comunicação estratégica são ferramentas importantes para informar e engajar a sociedade, dentro e fora do país. O uso das redes sociais, a organização de atividades locais e regionais e a participação em espaços como a Cúpula dos Povos devem estar no centro da ação pastoral.

Internamente, a CPT deve promover formações que enfrentem as divergências sobre temas complexos, levando em consideração as contradições do capitalismo verde e o risco da adesão acrítica a soluções que perpetuam injustiças.

A atuação da CPT na COP 30 deverá ser marcada pela fidelidade a seus princípios fundadores: presença nas comunidades mais vulnerabilizadas, resistência às estruturas de morte e anúncio de um outro mundo possível. A COP 30 será não apenas um evento diplomático, mas um campo de disputa simbólica e política. A CPT está chamada a estar ali, como sempre esteve: ao lado dos povos, contra o capital.

* Artigo completo disponível em www.cptnacional.org.br



Marcha durante o Acampamento Terra Livre (ATL), em Brasília, em defesa da participação dos povos indígenas na COP30

Juliana Duarte

SOCIOAMBIENTAL

RESISTÊNCIAS

"Aqui, nenhuma lei vai destruir nosso território!": povos da terra, águas e florestas levantam suas vozes contra o PL da Devastação

O projeto foi aprovado pelo Congresso e sancionado pelo presidente Lula com 63 vetos dos 400 dispositivos propostos pelo PL. O governo afirmou que os vetos asseguram a "proteção ambiental e segurança jurídica", mas o texto ainda apresenta enormes riscos aos territórios e aos povos que resistem em sua preservação.

Júlia Barbosa

julia@cptnacional.org.br

O "PL da Devastação", como ficou conhecido o Projeto de Lei (PL) 2.159/2021, que institui a Lei Geral do Licenciamento Ambiental, é considerado por ambientalistas, sociedade civil e pelo Ministério Público Federal como o maior retrocesso ambiental em mais de quatro décadas no país. O projeto flexibiliza o licenciamento ambiental, um dos principais instrumentos para proteção do meio ambiente.

"O PL que foi aprovado é triste e urgente. Essa lei vai ser a destruição das comunidades tradicionais e todas que dependem da terra para viver. Se hoje as mineradoras, madeireiras e o agronegócio já invadem os territórios com tanta violência, com essa lei será ainda mais cruel" - Adriana Matos, liderança da Caatinga, da Comunidade Tradicional Vereda-BA.

Um dos dispositivos mais perigosos do PL e que recebeu veto presidencial é a ampliação da Licença por Adesão e Compromisso para empreendimentos de médio potencial poluidor, que funciona como uma autodeclaração do empreendedor, isentando a necessidade de estudos preventivos de impacto



Rompimento da barragem da Vale em Brumadinho-MG é um dos maiores crimes ambientais da história do país.

socioambiental e determinação de medidas compensatórias. A barragem de Brumadinho, que rompeu em 2019 deixando 272 mortos, milhares de famílias atingidas e uma enorme destruição ambiental, era um empreendimento considerado de médio potencial poluidor.

Outro importante veto foi em relação aos dispositivos que restringiam a participação de órgãos de conservação da biodiversidade e proteção dos direitos dos povos originários e tradicionais, como Funai, Iphan e ICMBio, além de excluir terras indígenas em processo de homologação e territórios quilombolas ainda não titulados de áreas de proteção e das análises e medidas previstas no licencia-

mento. *"Se a lei não nos atende, devemos estar preparados com as armas da pintura, do canto e da palavra, e dizer: 'Aqui, nenhuma lei vai destruir nosso território!'"*, declarou Alessandra Munduruku, presidente da Associação Indígena Pariri e referência internacional na luta dos povos originários, durante a análise de conjuntura realizada no V Congresso da CPT.

Mesmo com vetos importantes, alguns dispositivos mantidos no PL ainda representam uma ameaça de destruição aos territórios. Considerada um dos maiores retrocessos do projeto, a criação da Licença Ambiental Especial (LAE), que permite simplificar e acelerar a autorização de licença a empreendi-

mentos considerados "estratégicos" pelo governo, mesmo com risco de degradação ambiental, foi sancionada com uma nova redação, que acelera ainda mais o processo, mas determina que este não poderá ser realizado em apenas uma etapa.

É o caso de projetos como a exploração de petróleo na foz do Amazonas, considerada estratégica para o governo e abominada por ambientalistas e lideranças. *"A exploração do petróleo é gravíssima e fere os direitos dos povos e a preservação dos territórios. Por quê, para quê e em bem de quem é essa maldita ideia de extrair petróleo?"*, denunciou Rosa Tremembé, liderança indígena da Amazônia e articuladora da Teia dos Povos.

Biomass e povos ameaçados

Uma vitória importante foi o veto aos dispositivos que revogariam a proteção especial prevista na Lei da Mata Atlântica, abrindo ainda mais o bioma para o desmatamento. Ainda assim, a aprovação da lei alerta para a destruição de todos os biomas, afirmou Rosa, destacando que toda a biodiversidade está interligada.

"O Brasil inteiro viu o quanto o Pantanal queimou e sofreu no ano passado. O agronegócio chega e invade tudo, a mineração está acabando com nossos morros... Nossos territórios precisam ser respeitados" - Maria de Fátima Ferreira, agricultora do Assentamento Taquaral-MS.

Para Juarez Celestino, ribeirinho-brejeiro e liderança do Cerrado, os esforços dos povos e comunidades para a conservação da biodiversidade estão comprometidos. *"Nós estamos nos territórios há anos lutando pela preservação da natureza, dos nossos biomas, sendo ameaçados de morte, sofrendo violência, para vir o Congresso e liberar a destruição, isso é uma afronta para nós"*, denunciou o camponês.

Frente aos projetos de morte do capital, as vozes proféticas dos territórios anunciam suas resistências por uma terra de vida e não de lucro.

Andressa Zumpano

V CONGRESSO CPT

ANÁLISE DE CONJUNTURA

As profetisas e os profetas não se calam, seguem denunciando a opressão

Análise de conjuntura realizada no V Congresso Nacional da CPT aponta a necessidade de manter a esperança na luta, mesmo em um cenário de pavor diante do avanço do capital

Da Equipe de Comunicação
Antônio Canuto para o
V Congresso Nacional da CPT
 comunicacao@cptnacional.org.br
 Edição: Heloisa Sousa

O momento da Análise de Conjuntura foi realizado durante o segundo dia de Congresso e facilitado por Jean Marc von der Weid, economista agrícola, fundador da ONG Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA); Moema Miranda, antropóloga, assessora da Comissão Especial de Ecologia Integral e Mineração (CEEM) e da Rede Igrejas e Mineração; e Alessandra Korap Munduruku, ativista socioambiental e presidente da Associação Indígena Pariri, do Médio Tapajós (PA). As falas foram ainda complementadas pelas vozes de trabalhadores/as e suas comunidades, na Fila do Povo.

Sementes de sobrevivência da humanidade

Em sua fala, Jean Marc destacou a necessidade de se apavorar com o cenário “apocalíptico” de opressão, violência e exploração causadas pelo avanço do capital contra os ecossistemas, o que traz como resultado uma multiplicida-

de de crises, que vão sendo cada vez mais sentidas.

Frente a esse cenário, Jean afirma que não se deve perder a esperança, principalmente diante dos povos e comunidades de tantas identidades, que atuam como contrapeso a toda esta tragédia. A luta precisa continuar e se firmar, com uma economia solidária e respeitosa com o meio ambiente.

Segundo ele, as soluções que apontam o combate ao uso de agrotóxicos e a todas as práticas que degradam o ambiente, passam sempre pela agricultura familiar e a agroecologia, que já são parte da vida de tantas identidades que carregam consigo tradições ancestrais de diversidade produtiva.

“Não precisamos traçar o caminho do Bem Viver; ele já está traçado, nós só precisamos percorrê-lo. Este caminho da agricultura familiar e da agroecologia é a semente da humanidade do futuro”, completa.

Os povos da terra abrirão o futuro

Moema Miranda falou da necessidade de compreender o Apocalipse de João como uma mensagem de esperança, sendo um texto que não trata do fim do mundo,

mas do fim dos poderosos, anunciando que é entre os pequenos que reside a revolução.

“É essencial compreender o tempo em que vivemos. Caso contrário, teremos dificuldades em conduzir o processo de transformação”, reflete. Ela aponta que nem todos os humanos são responsáveis pela crise da mesma maneira, mesmo que todos estejam sujeitos a ela, mas seu principal causador é o sistema neoliberal capitalista.

“Não são os poderosos que vão trazer soluções para os problemas que enfrentamos, é a nossa união. Precisamos compreender muito bem o que estamos vivendo: o dinheiro é outro deus, o capitalismo é uma religião. Isto exige outro caminho da paz e da justiça, mas principalmente, com novas alianças”, destaca Moema. *“A igreja do Brasil hoje precisa fazer este caminho de humildade”*.

Os povos da floresta resistem!

Alessandra Korap destacou a importância da presença dos povos indígenas e camponeses no Congresso da CPT em um mesmo esforço na luta pela terra. Os principais conflitos vivenciados em seu território são a presença do garimpo e o uso indiscriminado e contaminação do mercúrio. As mulheres são profundamente afetadas, relatando o medo de infertilidade, abortos espontâneos e



Marília da Silva / CPT-GO

Alessandra lembrou de vitórias alcançadas pela luta coletiva, como a derrubada dos projetos da Usina Hidrelétrica São Luiz do Tapajós, em 2016, e da mineradora Anglo American, em 2022, na região do rio Tapajós.

malformações nos bebês.

O crédito de carbono é outra falsa alternativa que adentrou as comunidades. *“Isso não nos serve! Não podemos permitir que negociem a nossa vida. Temos o direito de ser consultados, de construir protocolos para impedir a entrada de pesquisadores e governos nos nossos territórios”*, afirma Alessandra.

Em meio ao assédio do capital, são muitas as resistências. Os

povos indígenas estão no mundo inteiro sintonizados contra os projetos de morte. “Cada um e cada uma: lute. Chamem seus filhos e netos para continuar a luta, vamos fortalecer nossos jovens. Quando saio de casa, digo: ‘Se eu morrer, vocês precisam continuar, porque a semente eu deixei.’ Por mais que arranquem nossas raízes, as sementes permanecerão. Eu vou continuar lutando até o último respiro nesta terra”.

V CONGRESSO CPT

DIVERSIDADES

Juventude, Mulheres e Diversidade LGBTQIA+ bradam resistências no V Congresso da CPT

Coletivos reafirmam pluralidade da Pastoral, em São Luís, no Maranhão

Da Equipe de Comunicação
Antônio Canuto para o V
Congresso Nacional da CPT
Edição: Everton Antunes

Ora nas tendas, ora no espaço de acolhida da Grande Plenária, foi possível ouvir as vozes dos povos e comunidades tradicionais do campo, das águas e das florestas que formaram o V Congresso Nacional da CPT, realizado entre 21 e 25 de julho, em São Luís (MA). Os ecos da bravura e subversão também ressoaram as realidades da juventude da Pastoral, das mulheres e dos camponeses e camponesas LGBTQIA+, com intervenções de reivindicação e resistência.

Juventude

Conduzidos pelo tema ‘Territórios, Bem-Viver e Agroecologia: qual é o presente e o futuro da juventude camponesa?’, o Grupo de Trabalho (GT) de Juventudes da Pastoral se reuniu em Plenária na noite do dia 22 para entoar cantos populares, recordar o nascimento da CPT – que completou cinco décadas de trajetória em junho de 2025 –, e prospectar o futuro das no-

vas gerações que resistem no campo.

Para Erica Canoé, jovem indígena do Povo Oro Wari de Guajará Mirim (RO), a Plenária de Juventudes representou um momento de oportunidades para a nova geração da Pastoral. “A gente sempre fala que os jovens são o futuro, mas acredito que a juventude é o agora. Hoje, somos jovens, mas estamos aprendendo. Nós somos o futuro, mas também somos o agora e o ontem. Então, a gente precisa caminhar junto com os anciãos e eles precisam estar presentes conosco”.

Mulheres

No dia seguinte (23), a tenda Tambor de Crioula, guiada pelo lema ‘Tecer Teias’, acolheu duas experiências acompanhadas pela CPT com coletivos de mulheres no Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Maria Lúcia de Oliveira, do assentamento Independência, no município de Conceição da Barra (ES), integra uma das experiências dessa tenda, o Grupo de Mulheres ‘Margaridas’. Esse projeto, que reúne os assentamentos Independência e

Pontal Jundiá e o acampamento Fidel Castro, busca promover o autocuidado, saúde mental e a conscientização sobre violência de gênero e os direitos da mulher entre as camponesas.

“A gente já percebe um grande avanço. Conseguimos tirar as mulheres de casa para participar das atividades. Duas delas voltaram a estudar e percebemos que elas têm mais autonomia”, explica Maria Lúcia.

Além disso, após os debates da Grande Tenda do dia 24, o Coletivo de Mulheres da CPT realizou uma intervenção, ocupando o espaço da Plenária com cantos, místicas e falas de repúdio à misoginia e ao machismo. “Quando uma mulher avança, nenhum homem retrocede!”, entoavam as mulheres reunidas naquele momento.

Diversidade LGBTQIA+

Por fim, o Grupo de Trabalho (GT) de Diversidades da CPT – coletivo de agentes pastorais e camponeses e camponesas LGBTQIA+ – convocou uma plenária para o debate sobre gênero e sexualidade

“Plenária das Juventudes realizada no 2º dia do V Congresso CPT

no V Congresso, ainda no dia 24. As discussões do GT resultaram em uma intervenção na Grande Plenária do último dia de Congresso: o Grupo de Trabalho realizou uma fala sobre a importância do acolhimento da comunidade LGBTQIA+ e em repúdio à LGBTfobia.

O coletivo também fez a leitura de um documento elaborado na ocasião do V Congresso, que visa “fortalecer o GT de Diversidades da CPT, juntamente com o Coletivo LGBTI+ da Via Campesina, ampliando o debate da diversidade sexual e de gênero, interseccionada entre as diversidades

de territórios, raça, classe e religião”.

“Nós queremos que todos os jovens da população LGBTQIA+ sejam acolhidos como estamos sendo aqui. Não haverá ‘cura gay’, haverá o acolhimento de gays, homens e mulheres trans”, disse Mauro Jakes, coordenador da CPT-BA e integrante do GT de Diversidades.



Helenna Castro/CPT-BA

RESISTÊNCIAS

Vozes dos territórios ecoam como tambore

Povos e comunidades da terra, das águas e das florestas dão o tom ao evento, reafirmando presença, resistência e profecia, com as denúncias das violências do capital no campo e os anúncios do Bem Viver nas comunidades

Júlia Barbosa
julia@cptnacional.org.br

"As ameaças assustam
Mas não calam o tambor
Porque a coragem do povo
É maior que o opressor
Mesmo com o medo à porta
Não há passos para trás
Pois quem defende a justiça
Vai até o fim e faz
Insistir, resistir
Pelo direito de existir"

Poema recitado durante
apresentação de experiência
de "Romper Cercas", na tenda
Tambor da Mata

Protagonizado pelas vozes dos povos e comunidades da terra, das águas e das florestas, o V Congresso Nacional da CPT foi marcado pelos testemunhos de diversos trabalhadores e trabalhadoras do campo, que reafirmaram a presença da CPT ao lado dos povos e comunidades tradicionais do país, a resistência insurgente dos povos diante das violências empreendidas pelos capitalistas do campo, e gritos de profecia, com as denúncias das injustiças e os

anúncios do Bem Viver nas comunidades.

Rumo à Terra Sem Males, que caminho seguir?
"Para onde queremos ir? Porque o capitalismo não nos serve, ele é o nosso principal inimigo, destruidor dos sonhos e dos anseios da humanidade", declarou Luiz Vilanova, pioneiro na fundação do PT, do MST e da CUT, já anunciando que, na luta do povo pela Terra Sem Males, é inconcebível sentar à mesa junto aos opressores capitalistas ou se ludibriar por suas falsas promessas. "Nós queremos construir um mundo de coletividade", completou Luiz.

E é exatamente isso que camponeses e camponesas anunciaram em suas diversas falas: a coletividade e a unidade como o caminho possível para as lutas contra o capitalismo e suas mazelas, criadas ou apropriadas, como o racismo e o patriarcado. Assim, fortalecendo estratégias e formas de enfrentamento ao capital a partir das trocas de

experiências, saberes e construção coletiva de um projeto de sociedade livre da exploração e violência capitalista. Para romper cercas, é preciso tecer teias, construir e fortalecer articulações e coletivos de luta, conectando povos e comunidades que se encontram em suas resistências.

“Pra lutar na defesa do território, temos que nos articular, formar uma frente de mulheres, jovens, pessoas de diferentes culturas, religiões e diversidade sexual, todas as pessoas trabalhadoras. Como dizia o Papa Francisco, “tudo está interligado”, e não só entre pessoas e comunidades, mas com o povo, os bichos, cachoeiras, matas, o que está debaixo da terra”

— Professor Adalton Marques, que assessorou a Tenda Tambor de Mina.

São diversas as realidades acompanhadas pela CPT e vivenciadas pelos povos e comunidades da terra, águas e florestas, que denunciaram os conflitos que assolam o campo brasileiro e violentam milhares de famílias em todo o país. “É petróleo, hidrelétrica, veneno, grileiro, eólica... cada pessoa que conta sua experiência vai fortalecendo o fio da teia e vendo o que temos em comum na nossa diversidade. Nosso desafio é como recuperar as pessoas e



Povos da terra, águas e florestas de todo o Brasil partilharam suas experiê

trazer outras que se distanciaram da luta. Tecer teias é se articular em romaria, mutirão, rede e outros espaços coletivos”, declarou uma trabalhadora na fila do povo. Durante a análise de conjuntura do V Congresso, Moema Miranda, assessora da Comissão Especial de Eco-

logia Integral e Mineração, afirmou que “o tempo que vivemos exige ser compreendido: estamos sob a idolatria de um outro deus, o deus do capital. Por isso, precisamos construir um novo caminho — um caminho de paz, justiça e alianças transformadoras”. A antropóloga ainda destaca

ESSO CPT

es durante o V Congresso Nacional da CPT



Renata Costa / CPT-NE2

esses não poderiam impedir a passagem do progresso.

Hoje, esse discurso continua, agora reconfigurado para fabular inverdades, como o enganoso argumento de que o agronegócio sustenta a economia brasileira, e para justificar as falsas soluções baseadas na natureza, como o mercado de carbono e a transição energética para produção de “energia limpa”, mas às custas de violações de direitos humanos, expropriações de terras e mais degradação ambiental. “Estão dizendo que a gente quer barrar o desenvolvimento do Brasil, do agronegócio. Agora eu pergunto a vocês: o que é que a soja traz de bom para o Brasil?”, expressou Marli Borges, liderança da Comunidade Quilombola Guerreiro, em Parnarama, no Maranhão.

Nêgo Bispo, mestre, pensador e escritor quilombola, convoca a humanidade a ir na contramão do desenvolvimento capitalista, em direção ao “envolvimento”, em reconexão com a terra, as águas e as florestas. Bispo atesta que o primeiro passo do colonizador é a desterritorialização, com a expropriação de terras e a desconstrução de identidade, distanciando os povos de seus sagrados e impondo a eles novos modos de vida. Isso foi percebido na fala de Rosa Tremembé, liderança indígena da

Amazônia, da Terra Indígena Kaúra, em Raposa (MA), e tecedora da Teia dos Povos, que refletiu: “A gente não está só interligado, a gente faz parte. A gente é o rio que está sendo poluído, a gente é a mata que está sendo devastada e incendiada. A espiritualidade mora na mata, mora na água, e se destrói a água e a mata, destrói a espiritualidade, que é o que nos sustenta”

“Estão invadindo nosso território e dizendo que nossa pintura é demoníaca, que a nossa língua não serve para nós, que nossa cultura tem que parar. Quando se acaba com a cultura, a língua, a crença e os pajés, é o extermínio dos povos indígenas”

— Alessandra Munduruku, liderança indígena do Médio Tapajós (PA)

Agro é morte!

As diversas falas e experiências apresentadas pelas comunidades camponesas foram reafirmadas pelas análises de conjuntura, e atestadas, ainda, pelo relatório de pesquisa de quatro décadas de dados sistematizados pela CPT sobre os conflitos agrários, o Atlas dos Conflitos no Campo Brasileiro, lançado durante o V Congresso. Um fato ficou evidente, gritante: o agronegócio é incompatível com a vida.

“Nós tínhamos muita água, hoje não temos mais. Nós tínhamos muita caça, hoje não temos mais. O agronegócio veio para matar o planeta e nós somos esse planeta”

— Marli Borges, do Quilombo Guerreiro (MA)

Alessandra Munduruku, que também assessorou a análise de conjuntura, declarou que é preciso conter o avanço do agronegócio e alertou para os riscos de sua forte representação no política, com as bancadas do boi e da bala. “A gente precisa barrar o agronegócio sim! Os poderosos, na primeira oportunidade, estão negociando nossas terras no Congresso”, manifestou a liderança.

As vozes dos territórios ecoaram como tambores, anunciando que o povo não se intimida com a violência ou o poder do capital, mas o enfrenta, em coletividade, como exclamou o senhor Vilanova: “A nossa luta agora é guerra! Porque o latifúndio não quer perder o poder e o trabalhador não aceita essa imposição do capital. Todo mundo fica apavorado dizendo que quer paz, mas que paz é essa que está nos matando de fome, nos expulsando de nossas terras? Não tem esperança sem luta. Sem luta, a nossa esperança será sempre escrava”.

que este tempo exige novas formas de luta e resistência, que é preciso reinventar os modos de agir em enfrentamento ao capital.

É preciso superar o “desenvolvimento”

Moema recordou o contexto de origem da Pastoral

da Terra: “Quando a CPT surgiu, na década 1970, o capitalismo já abria estradas prometendo desenvolvimento — mas trouxe destruição para as florestas”. Ela destaca que o capital invadiu o campo brasileiro, violentando e exterminando povos inteiros, com o discurso de que

ncias de luta por terra e território e as resistências de seus modos de vida.

ESPIRITUALIDADES

ANCESTRALIDADE

A força de nossas raízes

Passado e futuro, água e fogo, terra e ar, gente e bicho, tudo está interligado pela ancestralidade, que conecta territórios na luta pela defesa e cura da Casa Comum e do Bem Viver

Rosa Tünycwj Tremembé

Liderança da Terra Indígena
Kaúra, em Raposa (MA)

Edição: Heloisa Sousa

Pensar de onde vem a sustentação que faz-nos manter em pé nas lutas; sobre quem nos fortalece para enfrentar os desafios da vida; quem clareia nossas mentes e caminhos; quem nos liga àqueles e àquelas que vierem antes de nós, nos lembrando sempre da nossa história, nosso pertencimento, nossa identidade e, desse modo, nos proporciona um profundo mergulho em nossa ancestralidade, em nossas raízes.

Essa tomada de consciência, sabendo de onde herdamos a força que nos move, de onde vem as crenças e quais setas nos apontam os caminhos, orienta a nossa jornada. Assim, nos é possibilitado um meio seguro para nos conectar às energias e vibrações de quem nos antecedeu, quem tem forças para somar às nossas.

Isso nos permite entender que, um dia, também seremos considerados ancestrais. Quando não faremos mais parte do corpo físico, porém falará por nós o nosso legado, com muitas lições para a vida de outros que permane-



Maria Roxa Gamella, pajé e anciã do povo Akroá Gamella, durante momento de defumação e benzimento no primeiro dia do V Congresso da CPT

ceram e dos que ainda virão. Não podemos nos esquecer que, ao nascer, somos espírito; vivendo, somos espírito; e, mesmo que nosso corpo esteja morto, também permaneceremos espírito, só que de forma ancestral.

No ritual sagrado do meu povo indígena Tremembé, costumamos entoar para a ancestralidade diversos cantos, entre eles, lhes trago:

“Vimos lá das cachoeiras com a força da natureza

*Os Encantados nos mandou
Vimos aqui para fazer limpeza*

*E não tem rio que não atravesse
Não tem caminho que nós não ande*

*Não tem mal que nós não cure
E não tem pau que nós não arranque!”*

Na Ancestralidade Espiritual, existem canais que nos ligam, sejam nos locais sagrados ou com nossos rituais. Por meio de nossos cantos e danças, sentimos a

sincronicidade com nossos ancestrais e guias espirituais – que também podem ser ancestrais ou espíritos da natureza e energias auxiliares.

Outro canal que nos liga é a cosmovisão, nos ajudando a compreender quem somos, de onde viemos, onde estamos, para onde devemos ir, o que está errado e como solucionar. É através desses canais que buscamos orientação, cura e proteção; os saberes e valores milenares que herdamos através

de repasses entre gerações. Contudo, as práticas desses saberes e valores precisam estar presentes, sendo sempre vivenciados para que não se percam no tempo e no espaço. Daí a importância da valorização das ideias, das crenças, sentimentos, de como vemos o mundo e quais são os nossos propósitos individuais e coletivos, muito importantes para as futuras gerações, que darão continuidade às nossas lutas e resistências para alcançar o Bem Viver e conviver onde todos estamos interligados.

Portanto, a Ancestralidade exerce poder sobre nós, ela é a nossa base, é o que nos liga às nossas raízes, um esteio da nossa identidade, nos orientando quando buscamos um rumo certo para as nossas decisões e curando o físico e o espírito.

Ter essa compreensão da dinâmica da alma e da espiritualidade coletiva e individual garante a nossa saúde psicológica e física. Também irá proporcionar nossa conexão com o passado, abraçando o espiritual nas transmissão dos saberes, tradições e energias. É preciso manter a ligação, estar aberto à proteção, sempre buscando o autoconhecimento e a cura pelos canais de comunicação dos Encantados, do divino mistério em nossos rituais sagrados. A força da ancestralidade está na natureza, em nosso corpo, terra, água, fogo e ar, é o que faz vibrar nosso espírito.

Rodrigo Correia

MOVIMENTOS

ROMARIAS

"Vai, CPT, com o povo em Romaria"

Em todas as regiões do país e no V Congresso Nacional, celebrações chamam a atenção para o cuidado e a defesa da Casa Comum, denunciam as violências que atingem os territórios e fazem memória aos/às mártires e defensoras da vida no campo, nas águas e nas florestas

Carlos Henrique Silva
comunicacao@cptnacional.org.br

Entre os meses de maio e agosto, uma série de Romarias da Terra, das Águas e das Florestas mobiliza as comunidades, agentes pastorais e entidades de todo o país, tendo como tema principal a Ecologia Integral e a defesa da Casa Comum, no clamor por justiça diante da violência no campo, na memória dos mártires e na luta pelo Bem Viver para os povos do campo. Mais do que um espaço de celebração da fé, as Romarias buscam promover o intercâmbio entre participantes, que se fortalecem ao saber que não estão sozinhos nas diversas frentes de luta, além de trocar sabedorias ancestrais.

Araguaia/Tocantins - No dia 10 de maio, a 20ª Romaria da Terra e das Águas Pe. Josimo mobilizou a cidade de Buriti do Tocantins (TO) com o tema: "Com Pe. Josimo, peregrinos e peregrinas da Esperança" e o lema: "Ecologia Integral: Cuidar da Vida!". O momento foi marcado pela memória viva do mártir, e também por partilha, esperança e renovação do compromisso com o cuidado da natureza e com toda forma de vida.

Bahia - A histórica Romaria da Terra e das Águas de Bom Jesus da Lapa chegou à sua 48ª edição reunindo milhares de ro-



Rodrigo Correia

Celebração no V Congresso da CPT fez memória aos Mártires da Caminhada e Defensores/as da Vida.

meiros e romeiras de várias partes da Bahia e do país, de 04 a 06 de julho. O encontro deste ano tem como tema "Cultivar e Guardar a Criação construindo caminhos do Bem Viver" e o lema "Que todos tenham vida em abundância" (João 10, 10).

Além dos momentos de celebração, a Romaria reúne trabalhadores do campo e da cidade engajados em debater e unificar suas lutas, em busca da construção de uma sociedade onde todos/as possam desfrutar do Bem Viver, ter direitos sociais garantidos e seus territórios protegidos. O público também participou de "plenarinhos" com os temas: Terra e Territórios, Fé e Política, Rio São Francisco, além das tendas específicas para juventudes e crianças.

Rio de Janeiro - Cerca de 2 mil pessoas participaram da 17ª Romaria da Terra e das Águas no distrito de Ribeirão das Lajes, em Pirai (RJ), no dia 5 de julho, organizada pela equipe da CPT na Baixada Fluminense, CNBB Regional Leste 1 e Diocese de Barra do Pirai/Volta Redonda, com o tema "Terra e Água: Direitos Humanos para Bem Viver na Casa Comum." Marcaram presença representantes de diversas comunidades, territórios, credos e espiritualidades, todos com o objetivo de caminhar pela justiça e pelo sonho do Bem Viver.

Pará - Duas romarias fizeram memória a mártires da luta pela terra no estado do Pará. De 06 a 08 de junho, a 10ª Romaria dos Mártires da Floresta, realizada em Marabá

e Nova Ipixuna, foi marcada pela espiritualidade centrada na defesa da floresta. A Romaria relembra o legado do casal Zé Claudio e Maria do Espírito Santo, e demais mártires na luta pela Amazônia.

Já os 20 anos do martírio da irmã Dorothy Stang foram relembrados na 18ª Romaria da Floresta, realizada em Anapu de 10 a 13 de julho, com o tema "Juventudes e Ecologia Integral". Ao longo dos quatro dias, o povo caminhante compartilhou uma jornada de acampamentos e refeições comunitárias. O trajeto simbólico de 54 km marca a travessia entre o local onde Dorothy foi plantada/sepultada, o Centro de Formação São Rafael, até o Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Esperança,

local onde foi assassinada.

Também ocorreram Romarias nos estados do Amazonas (22ª Romaria da Terra, da Floresta e das Águas da Prelazia de Lábrea, em 06 de julho); Piauí (16ª Romaria da Terra e da Água em Bom Jesus do Piauí, em 19 e 20 de julho); na divisa entre Mato Grosso e Rondônia (10ª Romaria Pe. Ezequiel Ramin, em 27 de julho, em Rondolândia/MT), e no Paraná, com a 35ª Romaria da Terra em Mandirituba, em 17 de agosto, com o tema "Tudo será bom, se cuidarmos da Casa Comum."

V Congresso Nacional da CPT - Na terceira noite do Congresso (23 de julho), uma celebração também tomou as ruas do centro histórico de São Luís (MA), com as cerca de mil pessoas congressistas fazendo memória aos mártires, defensores e defensoras da vida no campo, nas águas e nas florestas.

Das diversas partes do país, as comunidades trouxeram banners, bandeiras, estandartes e cartazes estampando os rostos das vítimas do latifúndio, que assassina crianças, mulheres e homens no campo. Através dos testemunhos e da partilha da palavra, a celebração buscou fortalecer a caminhada do povo rumo à Terra sem males e à construção do Bem Viver e Conviver, mostrando que os corpos podem até ser destruídos, mas os sonhos jamais.

MULHERES

RESISTÊNCIA

Vozes do Cerrado: os avanços nas lutas e na autonomia das mulheres com o projeto Gênero e Biodiversidade

Iniciativa da Articulação das CPTs do Cerrado promove a valorização dos saberes ancestrais das mulheres cerradeiras para a preservação do bioma, com oficinas voltadas às temáticas de gênero, sociobiodiversidade, justiça social e mais

Teresinha Menezes

Comunicação CPT Piauí

Edição: Júlia Barbosa

A luta das mulheres do Cerrado por reconhecimento, autonomia e sustentabilidade se destaca por sua potência, organização e coragem em quaisquer espaços que estejam inseridas. Este ano, essa luta ganhou força com o projeto “Gênero e Biodiversidade: Falas das Mulheres do Cerrado”, uma realização da Comissão Pastoral da Terra, por meio da Articulação do Cerrado, com apoio do Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos - CEPF e do Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB.

O projeto tem o intuito de promover a preservação da biodiversidade do Cerrado, a partir da valorização dos saberes e fazeres das mulheres camponesas, resultando também na geração de renda e melhoria da qualidade de vida. Ainda, busca fortalecer a participação feminina nas organizações comunitárias e espaços públicos.

Protagonismo feminino e saberes tradicionais

As mulheres do Cerrado

sempre desempenharam um papel central na manutenção da biodiversidade, seja através do extrativismo sustentável, da agricultura familiar ou da transmissão de saberes ancestrais. No entanto, a autonomia socioeconômica e a participação em espaços de decisão e formulação de políticas públicas ainda é limitada.

Durante as atividades, as beneficiárias do projeto se sentiram ouvidas como protagonistas de seus territórios. “Nosso trabalho é valorizado primeiramente por nós mesmas e nos sentimos orgulhosas por isso. Quando plantamos e dá frutos, é o trabalho das nossas mãos”, afirmou Elza Ferreira, professora e trabalhadora rural no território Melancias, em Gilbués, no Piauí, durante uma das oficinas do projeto.

Avanços concretos

Mulheres dos Cerrados do Tocantins, Goiás e Piauí são o núcleo direto de atuação do projeto. Entre os principais avanços, se destaca o fortalecimento da economia feminina. Com incentivo ao extrativismo sustentável e ao associativismo, o projeto fomentou o reconhecimento

de seus direitos e o fortalecimento de sistemas produtivos liderados por mulheres, contribuindo para sua autonomia pessoal, política e econômica.

No Tocantins, brota da terra a experiência “Cacau Nascente”, no Projeto de Assentamento (PA) Manoel Alves, em Muricilândia, no qual mulheres assentadas se dedicam ao manejo agroecológico do cacau, no plantio, colheita e beneficiamento.

“Nós estávamos desarticuladas e hoje fazemos parte de um grupo de mulheres organizadas com o nosso projeto Cacau Nascente, isso é muito importante para nós. No coletivo, estamos trocando informações, trocando aprendizados umas com as outras”

- Edite dos Santos, PA Manoel Alves.

O grupo da “Lavoura Comunitária Frutos do Oziel”, no Assentamento Oziel Alves, em Baliza, Goiás, formado em sua maioria por mães solo trabalhadoras rurais, também tem conseguido valorizar sua produção e fortalecer o trabalho das mulheres.

“As oficinas me ensinaram a ter aquele ânimo, aquela coragem de vender meus produtos. Eu aprendi que nós temos que valorizar a nossa produção, os nossos quintais agroecológicos. E com essas vendas eu estou conseguindo ter a minha autonomia financeira, a minha independência”

- Neide Ferreira, Assentamento Oziel Alves.

No Piauí, a participação política das mulheres beneficiárias ficou nítida quando, ao elaborar uma carta pública, denunciaram as violências sofridas e reconhecidas por elas durante as oficinas do projeto e reivindicaram mais políticas públicas voltadas para as mulheres nos territórios e à preservação do Cerrado. A carta foi divulgada durante o VI Encontro do Coletivo dos Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado do Piauí.



Oficina “Quintais Produtivos e Sustentabilidade Agroflorestal”, realizada na Comunidade Tradicional Barra da Lagoa, em Santa Filomena-PI.

Teresinha Menezes / CPT-PI

NUESTRA AMÉRICA

Acordo UE-Mercosul pode prejudicar pequenos produtores, dizem movimentos camponeses latino-americanos

O acordo de livre comércio que está sendo discutido entre o Mercosul e a União Europeia deve estimular o modelo agroexportador nos países sul-americanos e pode ser fatal para pequenos produtores da região. Essa é a visão de movimentos camponeses da Argentina, Paraguai e Uruguai, países membros do bloco, que estiveram presentes durante a 8ª Conferência Internacional da Via Campesina que aconteceu em Bogotá, capital da Colômbia.

Para Diego Montón, representante do Movimento Camponês Somos Terra da Argentina, o acordo estimula condições desiguais de competição com produtos alimentícios da Europa que, além de contarem com subsídios dos governos europeus, seriam importados sem tarifa, o que prejudicaria as produções locais.



João Zinclar

Movimentos do campo alertam para a expansão do agronegócio.

Outro país que teria seus camponeses prejudicados é o Paraguai. A representante da Organização de Mulheres Camponesas e Indígenas (Conamuri), Perla Álvarez, diz que o país já vem preterindo os pequenos produtores para dar lugar a cultivos de soja e milho para exportação e que o acordo deve acelerar a produção dessas commodities.

Menor país em extensão do bloco, o Uruguai tem na exportação agropecuária sua principal fonte de divisas. Para Leticia Cabrera, da Rede Nacional de Sementes Nativas e Crioulas do Uruguai, essa característica do país deve ser acentuada caso o acordo seja assinado.

Fonte: Brasil de Fato via MST

Desmatamento em comunidades afrodescendentes da América Latina é até 55% menor, aponta estudo

Na América Latina, os afrodescendentes tornaram-se guardiões ambientais cruciais, pois os territórios que habitam não só apresentam maior biodiversidade e retenção de carbono, como também demonstram taxas de desmatamento até 55% menores, de acordo com estudo recém-publicado na Nature Communications Earth and Environment.

Após comparar terras protegidas por esses povos no Brasil, Colômbia, Equador e Suriname com áreas que atendiam a critérios

semelhantes – como geografia, temperatura e proximidade dos centros urbanos –, mas que não eram governadas por afrodescendentes, os cientistas descobriram que o desmatamento é 29% menor quando esses territórios estão localizados dentro de áreas protegidas e até 36% menor quando seus territórios estão fora delas. No caso de terras afrodescendentes próximas às zonas de conservação, as taxas de desmatamento diminuem em 55%.

No entanto, os pesquisadores alertam que o único país onde os

territórios afrodescendentes não foram associados à redução consistente no desmatamento foi o Suriname. Lá, explicou Hugo Jabini, liderança do povo Saramaka Maroon, o Estado não reconhece legalmente os afrodescendentes. Jabini espera que o estudo ajude a garantir que as comunidades afrodescendentes tenham mais voz e poder de voto em negociações internacionais, a exemplo da COP30, realizada em novembro de 2025 no Brasil.

Fonte: El País/América Futura

A dura rotina na colheita do café colombiano

O colhedor de café Ricardo Solano Carillo, de 40 anos, revela nunca ter tido um contrato formal de trabalho ou contribuído com o sistema previdenciário de seu país. Ele trabalhava na colheita em janeiro deste ano e admitiu: “Minhas forças estão acabando”.

“É uma informalidade absoluta”, destaca Robinson Piñeros Lizarazo, professor de ciências sociais da Universidade SurColombiana, no estado de Huíla, e pesquisador das relações de trabalho no campo na Colômbia, país frequentemente citado entre os produtores dos melhores cafés do mundo. “Essa informalidade é determinada pela relação de contrato que fazem. É um contrato verbal”.

Especialistas afirmam que são raros os

contratos formais de trabalho para os recolectores, como são chamados os trabalhadores da colheita do café colombiano. Segundo um estudo de 2022 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), a informalidade na colheita de café da Colômbia pode superar os 80%.

Além da informalidade e da falta de acesso ao sistema de proteção social da Colômbia, os trabalhadores que atuam na colheita encaram longas jornadas. “São jornadas longas. Os trabalhadores me dizem: ‘eu me mato nesses dois meses, e com isso economizo e volto [para o lugar de origem]’”, complementa Lizarazo. “Isso tudo é consequência do salário por produção”.

Fonte: Repórter Brasil



Fernando Martinho/Repórter Brasil

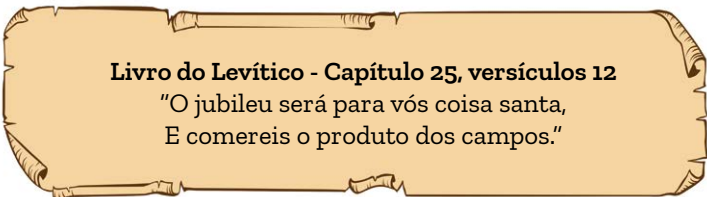
Trabalhadores e pesquisadores denunciam jornadas exaustivas e informalidade

PÁGINA BÍBLICA

PROFECIA

Carta do V Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra

Sendo instrumento que repercute a voz profética dos povos do campo, das águas e das florestas, o documento reforça a união e a decisão das comunidades em defenderem a criação divina e continuarem lutando contra a injustiça e a opressão do agronegócio, dos agrotóxicos, dos grandes empreendimentos e das falsas soluções baseadas na natureza



Somos 1.026 pessoas que chegamos a São Luís movidas pelos ventos maranhenses para o V Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra, entre 21 e 25 de julho de 2025. Provocadas pelo sopro da sabedoria divina, celebramos **50 anos de Presença, Resistência e Profecia** junto às comunidades do campo, das águas e das florestas, proclamando **“Romper Cercas e Tecer Teias: a terra a Deus pertence!”**.

Vimos em romaria de todos os estados e de nossos territórios: assentamentos e acampamentos de reforma agrária, comunidades de fundo e fecho de pasto, de pé de serra, ribeirinhas, geraizeiras, indígenas, quilombolas, taboquianas, pantaneiras, seringueiras, raizeiras... Carregamos na sola das sandálias a terra do nosso chão.

Somos também agentes

de pastoral, bispos, padres e irmãs, pajés, pais e mães de santo, pastores e pastoras, unidos em nossa decisão de lutar até às extremas consequências contra a injustiça e a opressão.

Nós, da CPT, partilhamos em nosso jubileu da coragem de camponeses e camponesas, testemunhas vivas da profecia. Sua esperança pela terra sem males e sua firmeza nos animam e orientam. Ouvindo o seu clamor, nos comprometemos a buscar uma conversão permanente para que nossa presença seja fermento temperado com coerência.

Nós, das comunidades, denunciemos que estamos cercadas pelas diferentes figuras do monstro do capital. Aliado ao Estado, ele “transforma a natureza em cifra”, e quer seguir nos colonizando para nos tornar mono-cultura. Resistimos ao deserto das lavouras de soja transgênica, às

chuvas de veneno sobre as cabeças, às eólicas com “lâminas que rasgam o sossego”, à mineração a abrir crateras no coração da terra, ao trabalho escravo a explorar até a última gota de suor.

Enfrentamos as cercas do latifúndio que sufoca, mata e fere nossas vidas e todas as vidas da nossa Casa Comum. “O agronegócio veio para matar o planeta e nós fazemos parte do planeta”, ainda que queiram nos expulsar. Cada árvore derrubada é nosso corpo que sangra. Cada rio poluído é o leite de nossas crianças que se contamina. Mas a poesia, a agroecologia e as sementes crioulas curam a destruição da terra. “Podem derrubar as folhas, os galhos, os troncos: nossas raízes estão profundas na nossa terra, e nela permaneceremos”.

Nessa luta, as mulheres – maioria em nosso congresso – somos a ponte entre a ancestralidade e o futuro. Nossos corpos se alimentam da seiva do planeta. “Não temos medo de morrer, nossos descendentes são sementes plantadas na luta”. Com gritos insur-

gentes, ensinamos a necessidade amorosa de caminhar “ombreadas com os homens”. Profetizas da vida, não deixaremos o sonho de um mundo novo escapar.

Com o benzimento de dona Maria Roxa, pajé Akroá-Gamella; com a unção do azeite de coco babaçu; com a cura do óleo de andiroba; com a bênção de Santa Maria Madalena, força do amor que se faz comunhão, dizemos: “Enquanto houver mulher no mundo, não vão nos vencer”.

Somos também juven-udes que se fazem resistência e profecia: “não somos o futuro, somos o presente!”. Ao buscar dignidade, encontramos a ilusão do capital, sedução e exploração. Mas a memória dos confins sem cerca nos guia a caminhar hoje rumo ao futuro.

Do luto fazemos luta. “Só romperemos cercas se tecermos teias”. E nossa imensa teia, colorida como nosso milho, não será destruída. Somos um grande mutirão, composto por vivos e mortos, forças encantadas e santos, águas e ventania, árvores e

roça, abelhas e formigas, todos como irmãos e irmãs defendendo a criação de Deus.

Se ainda existe o anúncio de vida em abundância, é porque seguimos existindo, resistindo – re- existindo! Honramos os mártires da caminhada e reafirmamos aos poderosos e aos que querem nosso extermínio: não silenciaremos nossa dor e nossa revolta. Se caminhamos em direção ao apocalipse, lembramos que “o apocalipse de João é o Livro da Esperança: é o fim do mundo dos poderosos e início do tempo de Justiça e Paz”.

Nestes 50 anos, evocamos Pedro Casaldáliga a gritar: “Malditas sejam todas as cercas que nos privam de viver e amar!” Seguiremos vivos e fortes, ao som dos cantos, tambores e maracás, lutando por reforma agrária popular e pela retomada dos territórios, e comemoraremos o jubileu da terra para todo o sempre!

Upaon-Açu, Ilha de São Luís, Maranhão, 25 de julho de 2025. As frases entre aspas são manifestações de participantes do congresso.

EXPERIÊNCIAS

RESISTÊNCIAS

Rompendo cercas e tecendo teias em territórios maranhenses

Presentes no “Cadernos de Experiências” do V Congresso Nacional da CPT, as comunidades quilombolas Tanque da Rodagem/São João e Onça e a Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão, são exemplos da força e articulação dos povos

Edição:

Ruben Siqueira (CPT/BA);
Carlos Henrique Silva (Setor de
Comunicação da CPT Nacional);
Heloisa Sousa (Setor de Comunicação
da CPT Nacional)

Inúmeras são as experiências de resistência e tecimento de teias nos territórios habitados por comunidades originárias, tradicionais, camponesas, das florestas e das águas no Brasil. A defesa do Bem Viver é parte dos modos de vida dos povos e das lutas contra os projetos de morte que avançam sobre os territórios.

No V Congresso da CPT, realizado entre os dias 21 e 25 de julho, em São Luís do Maranhão, foram apresentadas experiências de diversas comunidades acompanhadas pela Pastoral por todo o País. Duas das experiências escolhidas, de romper cercas e de tecer teias – mas que também estão interligadas nessas duas categorias –, estão presentes em chão maranhense e descritas a seguir.

Quilombo Tanque da Rodagem/São João e Onça

Apesar de distantes geograficamente, o Quilombo Tanque da Rodagem/São João (Matões) e Onça (Santa Inês) estão próximos em suas realidades de luta e nas estratégias de resistência para permanecer nos seus territórios, garantindo a vida e a



Júlia Barbosa

15º Encontro da Teia dos Povos, no território Alegria, município de Timbiras

proteção da natureza. Essas comunidades romperam as cercas do latifúndio e do medo e, cada uma ao seu modo, resistem. Outro elemento que as conecta são as articulações das quais ambas fazem parte, como o Moquibom e a Teia de Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão.

A situação fundiária das comunidades em relação ao Incra segue sem titulação, embora possua certificação pela Fundação Cultural Palmares desde 2014.

Em setembro de 2021, um grupo de pessoas invadiu esses territórios com armas e tratores para dar início ao preparo do solo para o plantio de soja. O grupo agia em nome do empresário paranaense do ramo do agronegócio e comunicação, Eliberto Stein. A área reclamada pelo empresário está em sobreposição ao território que compreende as co-

munidades – representando muito mais do que apenas áreas de moradia e quintais, mas também roças, extrativismo, caça, pesca, lazer e outras formas de uso.

Os quilombolas ergueram o “acampamento reviver Fátima Barros”, que durou cerca de dois meses. A mobilização não contou apenas com quilombolas de Tanque e São João, mas também povos e comunidades de outras regiões do estado se deslocaram para a região em apoio à luta daquele povo.

O quilombo Onça está localizado na região do Vale do Pindaré. No quilombo, vivem cerca de 60 famílias, que há anos estão acoissadas por pecuaristas que foram grilando terras que hoje sobrepõem o território do quilombo.

A despeito das várias ameaças e ataques desde 2022, ano em que o conflito se intensifica,

a comunidade está assegurando o controle físico sobre uma área retomada de 300 hectares que passou a ser conhecida como acampamento “Mãe Nazaré”. Em decorrência das articulações com outras organizações e da forte incidência junto à opinião pública, o Incra retomou o trabalho de Identificação e Delimitação do Território. Os conflitos registrados são de várias ordens, como ameaças, desmatamento e queimada ilegal.

Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão

O tecimento da Teia teve início em 2011, durante a ocupação do Incra pelos quilombolas, na qual participaram também camponeses e indígenas. Essa articulação se deu num contexto de acirramento dos conflitos contra os povos e comunidades, decor-

rentes do avanço de programas estatais em favor do agro e ataques orquestrados por grupos políticos e econômicos que se apresenta como um alinhamento de poderes – “bancadas BBB” (do boi, da bala e da bíblia).

Em 2013, foi realizado o primeiro Encontro da Teia e contou com a participação de lideranças quilombolas de 6 estados, além do Maranhão.

A Teia é a expressão de um importante processo político na luta dos Povos e Comunidades por seus territórios no Maranhão, estado imerso em conflitos, violências e usurpações pelos projetos do capital.

A CPT está desde o princípio dessa construção, oferecendo apoio afetivo e efetivo e colaborando em todo o processo de reflexão e produção de conhecimento, além de proporcionar apoio para a realização dos intercâmbios de vivências e lutas.

Reforçar o apoio aos processos de retomadas, além de ampliar e fortalecer as alianças com as entidades e comunidades urbanas em processo de luta, elevam ainda mais o caráter plural da Teia em prol de um Bem Viver para os povos do campo e da cidade.

** experiências descritas na íntegra no “Caderno de Experiências”, utilizado nas tendas do V Congresso Nacional da CPT.*

GALERIA



Presença, Resistência e Profecia!

V Congresso Nacional da CPT

21 a 25 de julho de 2025
São Luís, Maranhão



Fotos: Heloisa Sousa (Comunicação CPT Nacional), Helenna Castro (CPT-BA) | Arte: Everton Antunes e Júlia Barbosa (Comunicação CPT Nacional)

Contribua com o trabalho da CPT, assine o Jornal Pastoral da Terra!

Assinatura Anual: R\$ 30,00 | Solidária: R\$ 50,00 | Exterior: US\$ 20,00

Dados para Depósito ou Transferência:

Comissão Pastoral da Terra
Caixa Econômica Federal
Agência 2234
Conta 578974105-0
Iban BR49 0036 0305 0223 4578 9741
050C 1 | SWIFT CEFXBRSP
Pix/CNPJ: 02.375-913/0001-18

Envie seu comprovante, endereço para envio do jornal, dúvidas e sugestões para:

E-mail:
sustentabilidade@cptnacional.org.br

WhatsApp:
(62) 99268.6837

CHEGA DE
ESCRavidão
.ORG.BR



Comissão Pastoral da Terra

Correios
Impresso
Pode ser aberto pela ECT

Secretaria Nacional:
Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel,
1º andar, Centro. CEP
74.030-090 - Goiânia-GO

Impresso

Via Aérea